

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 20 (110) — 29-7-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A Póvoa de Varzim e Vila do Conde

É HOJE, domingo, que uma parte dos trabalhadores do Pôrto, aliando o útil ao agradável, vai, num passeio de confraternização, visitar à Póvoa de Varzim e Vila do Conde os seus irmãos de trabalho e de sofrimento.

Aos passeios de confraternização, quando, como sucede com o passeio de hoje, encerram em si o desejo ardente de se conseguir, com o seu produto material, um objectivo que representa uma epopeia, não deve faltar o auxílio das criaturas conscientes, daquelas criaturas que, no meio de todo êste lodaçal em que se revolve a sociedade capitalista, pretendem, através de mil obstáculos, afirmar o seu esforço, o seu ideal, as suas aspirações, o seu objectivo.

A confraternização entre os explorados deve constituir um pederossíssimo auxiliar para a transmissão de pensamentos, para a divulgação de doutrinas, para a afirmação de princípios de liberdade. E por isso que os promotores da excursão de hoje, não se limitam a comparecer junto dos seus irmãos «poveiros» e vilacondenses para os abraçar, simplesmente. Não. Os promotores da excursão, levam a essas duas vilas, distantes, apenas, umas léguas do Pôrto, a palavra do Amor, da Verdade, da Justiça, da Fraternidade, da Igualdade e da Beleza, envôlta na flâmula rubra dum Porvir radiante de Felicidade!

Assim, ao lado dos excursionistas que, com o seu pequenino esforço material, pretendem erguer um edifício que se denominará **A Casa dos Trabalhadores** — há-de notar-se aquela comunhão espiritual das ideias que torna os homens fortes e valentes: fortes para resistirem às múltiplas tentações da sociedade má e corrupta; e valentes para cumprirem, na Terra, a nobre missão a que se impuseram.

Encarecer, por isso, o valor moral e social de semelhantes iniciativas, torna-se ocioso. No íntimo de cada criatura consciente deve residir, sempre, uma Alma disposta a todos os sacrifícios, por mínimos que sejam, quando êsses sacrifícios tenham um fim altamente significativo. E o passeio de hoje, tem êsse fim: moralmente far-se há a propaganda das nossas ideias de Emancipação integral da humanidade; e materialmente, conseguir-se hão os meios necessários para a construção dum edifício que tanta falta está a fazer — **A Casa dos Trabalhadores**.

* * *

Em homenagem à Comissão Pró Casa dos Trabalhadores, aos Excursionistas e aos povos da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, o Grupo de Propaganda Libertária, do Pôrto, publica um jornalzinho, que venderá ao preço de 20 centavos cada exemplar. É um jornalzinho, dum género completamente novo entre nós, e que todos

os trabalhadores devem comprar: constituirá isso, uma grata recordação dum passeio em que o útil se aliou ao agradável.

Saudando todos os excursionistas, abraçamo-los fraternalmente e desejámos-lhes uma viagem feliz. E na nossa saudação, e no nosso abraço, envolvemos os povos — os trabalhadores da Póvoa e de Vila do Conde, em festa, a quem nos ligam os laços da mais estreita amizade. E' que são explorados como nós; e, entre explorados, não deve haver ódios: apenas deve reinar o Amor...

A propósito da filha do general...

A moral da sociedade capitalista em que vivemos, expele pestilências por todos os lados. Moral puramente convencional, cheia de preconceitos e de dogmas, de êrros e de mentiras, de subterfúgios e de barbarismos não tem — nem nunca poderá ter — um ideal elevado a orientá-la.

Porquê? Porque a moral desta sociedade em que o cretinismo é guindado à categoria de talento e de génio, gravita, apenas, em tórno de apetites, de interesses, de orgulhos, de vaidades e de ambições. E, segundo o Código por que se regem estas cinco propriedades que caracterizam os *heróicos* moralões — donos e senhores absolutos de toda a «intrincada» *sciência* de governar os povos, há criaturas que exigem uma punição severa para castigo de quem infringe as regras ou as leis dessa moral, e para escarmento de quem assiste indiferentemente, ou sorridentemente, à infracção das mesmas regras ou leis...

Assim, quando qualquer mulher do povo, no auge do seu desespero, pretende esconder, aos olhos do mundo, o fruto dulcíssimo dos seus amores, e envereda pelo caminho sinistro da tragédia, atirando, para a primeira sargeta que se lhe depara, a criança que o seu ven-

tre gerou, a moral burguesa treme de indignação e de cólera. E treme de indignação e de cólera, porque classifica êsse gesto, sempre doloroso duma mãe, de «gesto antissocial», de gesto que «é filho das ideias mais dissolventes que se conhecem — de extremismos idealísticos propagados por loucos nervosos, por doidos que sonham apenas com a pandestruição do mundo!»

Afinal, a argumentação que a moral burguesa costuma empregar, em casos tais, para sacudir a água do seu capote, não tem a mínima sombra de verdade. A mulher do povo que, possuída duma dor profunda, estrangula o fruto dos seus amores, é impelida, pela sociedade a proceder assim. E' que, no dia em que a sociedade notou que ela tinha *caído*, apontava logo à execração pública, marcando-a com o ferrêde da ignomínia. E se, até aí, já lhe negava o pão e o conforto, depois principia a considerá-la desonesta e... desonrada. Nessa altura, um filho, representa, para a sua mãe, a miséria extrema, porque é um obstáculo ao seu ganha-pão!

Essa criancinha que não tem culpa de nascer — porque é o fruto dum amor puro e acrisolado — devia encontrar, neste mundo, um lugar no banquete da vida. E, afinal, não só não encontra êsse lugar, como ainda vem roubar a sua mãe, — inculpósamente, é claro, os meios de conseguir «honestamente» uns magros vintens com que ela ilude, todos os dias, o seu estômago — o seu corpo, além

de a colocar na dura contingência de receber, de toda-a-gente, ultrajes que a ferem como punhais afiados, e ironias que a levam ao choro e ao desespero!

Se a sociedade não vivesse de artificios, mas de realidades, não se notariam tantas anomalias. Se a sociedade garantisse a todos o pão e o conforto a teem incontestável direito, não haveria uma única mãe «desnaturada». Se a sociedade não tivesse uma moral detestável, não existiria uma criatura que estrangulasse os seus filhos.

E, todavia, apesar dos inúmeros catecismos de moral burguesa, apesar das inúmeras *pregações* que a sociedade capitalista nos impinge diariamente, em nome dessa moral, o que é certo, muito certo, é que os actos antisociais que a sociedade condena se repetem frequentemente. E a razão é simples: a sociedade origina as vítimas e, depois, chama-lhes criminosas da pior espécie!

...

Aquela filha do general, que, em Lisboa, estrangulou os seus filhos nas condições verdadeiramente trágicas que os jornais relataram, é uma vítima da moral social reinante. Como todas as mulheres, amou uma criatura. Esse amor principiou, certamente, como principiam todos os amores — por um sorriso; depois, chegando à maturação, produziu os seus frutos. Mas a rapariga, temendo *desonrar* o nome da sua família e o seu próprio nome, procurou esconder esse fruto.

Económicamente, a filha do general não se encontrava nas condições de qualquer mulher do povo, a quem a miséria e a infelicidade levam a cometer esses actos impensados. Mas, estava no mesmo caso, quanto à chamada honra que a sociedade, apesar de a violar todos os dias, quer que seja intangível como a *lei da Separação*.

Infelizmente, no meio em que vivemos, o amor tem que se exercer segundo um determinado formulário. Quem fugir desse formulário, ou recebe um epíteto de criminoso, ou adquire uma chancela que o impede de entrar no santuário da *honradez e dos bons costumes*...

Embora amasse até à loucura, o que, a nosso ver, é lógico e não admite a menor sombra de contestação, a filha do general não queria que, por causa do seu amor, lhe fechassem as portas e a apontassem a execração pública. Por isso começou a pensar na maneira de esconder o fruto dos seus amores. E cometeu três crimes!

Mas estes crimes, podemos afirmá-lo, não constituem, de nenhum modo, o seu querer, a sua vontade. Não. A mãe «desnaturada» foi apenas um agente inconsciente. A criminosa, a autêntica criminosa, foi a sociedade; e só a sociedade é que deve ser condenada por esses crimes.

Colocando, na frente da jovem — de todas as jovens — uma montanha de preconceitos, dos quais basta infringir um para que essa jovem fique desonrada, e com ela, toda a sua família, a sociedade não lhe facultou o direito de amar livremente. Queria que ela amasse, segundo o ritual. E foi por causa deste ritual que hoje se ouve um coro de lamentos perante o facto consumado.

Não: o amor, para ser o verdadeiro amor, tem de ser livre. Mas esse amor só pode ser praticado, sem receio de consequências fatais, numa sociedade igualmente livre, onde cada sêr tenha assegurados o pão e o conforto, a paz e o bem-estar espiritual, que esta sociedade é incapaz de conceder.

Enquanto persistirem as condições económicas, políticas e sociais que pesam actualmente sobre os nossos ombros, hão-de dar-se, todos os dias, estes factos lamentáveis.

Disco não reste a menor dúvida.

E, por uma torcedela da lógica, a sociedade, que é a verdadeira culpada, a verdadeira criminosa, atribuirá esse papel à sua vítima, para se armar, depois, em juiz e carrasco para a condenar e para executar a sentença...

O' montanha infamíssima de preconceitos que impendes sobre todas as mulheres! Tu has-de cair estrondosamente aos golpes da crítica e da maturação das ideas libertárias.

E depois... Ah! depois, jovens amantes, podereis amar livremente sem serdes impelidas a estrangular dolorosamente o fruto dulcíssimo dos vossos amores...

ALFREDO GUERRA.

Se um centésimo, somente, dos esforços em tratar dos males fosse utilizado em curar o doente, de há muito que os males não existiriam. Mas é que hoje, os esforços são empregados, não para extirpar o mal, mas para o favorecer, procurando-se, pela inoculação, preservar os efeitos futuros dele.

TOLSTOI.

Revoltas dum neurasténico

III

COMO SE ENRIQUECE

Vamos encontrar os dois amigos, já nossos conhecidos, à mesa dum café para onde Anibal arrastara Rodrigo depois dum longa passeata nos arredores da cidade. Estavam saboreando, cada um, a sua chávena, o que não os impedia de acaloradamente discutirem assuntos sociais, como sempre acontecia quando se encontravam.

Anibal escutava o companheiro com um sorriso irónico ao mesmo tempo que ia bebendo aos golinhos o saboroso Moca... de grão.

— Sim! exclamou Rodrigo prossequindo no seu raciocínio. E' como te digo: é mercê dessa injustiça, que uma minoria parasitária, tendo esbulhado os miseráveis do que eles possuíam, isto é: do direito de viverem e dos meios de o conseguirem, torce a sciência a seu alvedrio para concluir que a humanidade não pode esquivar-se à *lei natural* que a divide em duas classes: a dos que tudo produzem e dificilmente conseguem obter uma diminuta parte da produção; e a dos que nada fazem e tudo teem e desfrutam largamente.

Anibal acendeu um charuto e puxando uma fumaça, observou atirando negligentemente com o fósforo para longe:

— Com efeito! é um facto a miséria da grande maioria dos homens; que poucos, em compensação, gosam de todas as felicidades; mas o que eu não compreendo, nem tu me explicaste ainda, é como essa miséria não é fruto da má administração que os miseráveis, como tu lhes chamas, deram ao seu património; e a abundância que regala os felizes não resulta da sua providência e economia. Tu convens, de certo, comigo que um homem poupado, que não esbanja a sua fortuna, pode alcançar um futuro próspero e uma velhice tranqüila e ninguém tem o direito de lhe chamar espoliador da felicidade alheia. Gosa o que é seu e lhe custou o seu trabalho ou o saber privar-se de prazer dispendioso embora de grande deleite momentâneo. Foi económico, olhou ao futuro: por isso está tranqüilo e tem a suprema felicidade de nada lhe faltar porque soube poupar. Onde é que tu vês aqui a espoliação? onde é que está o roubo? Quem pode negar a este homem pre-

vidente o direito de gosar a fortuna que acumulou? Que culpa tem ele dos outros não terem sido económicos? de não terem olhado ao futuro? de terem sido extravagantes?

— Em primeiro lugar: tu admities que um homem — qualquer homem — desprovido de tudo, possa enriquecer na sociedade actual só pelo seu trabalho?

— Pode.

— Como? Faz favor de me dizer.

— Adoptando o trabalho mais lucrativo que puder alcançar e fazer; sendo poupado, não sacrificando o futuro ao presente, não procurando gosar numa hora o descanso e a ventura do resto da sua vida.

— Forte obsessão a tua! Então, para ti, todos os homens pobres e miseráveis foram extravagantes, comprometeram o futuro por uma hora de prazer? Que cegueira de espirito! Mas, diz-me cá: Qual é o trabalho, digno deste nome, que permite realizar uma maravilha dessas? Enriquecer pelo trabalho! Prosperar pela poupança! Qual é esse trabalho?

— E' boa pergunta! Há tantos!...

— Mas quais são eles? Diz.

— Eu sei! Olha, por exemplo, o do mestre de obras...

— Não escolheste mal! poderias ter mencionado outro mais desgraçado... comentou Rodrigo franzindo os lábios num sorriso de ligeira ironia. Pois seja o trabalho do mestre de obras. Por esse trabalho enriquece-se, não é assim?

— Há exemplos! confirmou, Anibal.

— Vejamos, pois, como este mestre de obras enriqueceu sem espoliar ninguém. E' esta a condição, não é verdade? Responde-me a uma pergunta: Ele repartiu pelos seus operários o lucro das obras que tomou a seu cargo?

Anibal olhou com assombro para o seu amigo.

— Sempre tens ideas! exclamou ele. Se tal fizesse, como poderia o mestre de obras capitalizar?

— Ah! então sempre expoliou alguém do que lhe era devido!

— Expoliar? Como? Onde está a expoliação? Pagou aos operários o seu trabalho; que querias tu mais? Do que lhes era devido!! Que é que ele devia

aos operários depois de lhes ter pago as férias?

—Efectivamente, ponderou Rodrigo, afectando convicção. Pela moral social vigente nada lhes é devido, depois de pagas as férias. E o que é mais: os códigos, as leis, os seus interpretores, advogados, juizes, *tutti quanti*, apoiariam sempre o mestre de obras contra os operários se estes se lembrassem de reclamar a sua parte...

—Mas, qual parte? interrompeu Anibal com calor. Qual parte? Porventura eles teem algum direito ao lucro que o mestre de obras realizou?

—Não! não teem nenhum... E' dos livros!... Por ventura (para os mestres de obras e para todo o patronato em geral) não teem nenhum direito à face da lei! Esta cousa da sociedade está muito bem arranjada! Rouba-nos e não podemos chamar-lhe ladra!

—Ora! redarguiu Anibal encalhendo os ombros com impaciência. Lá estás tu com a tua neurastenia...

—A minha neurastenia é levada do diabo! lá isso é! Mas vai ouvindo e segue o meu raciocínio: Que trabalho fez o mestre de obras?

—Ora essa! dirigiu as obras!

—Ah! então é por isso que é arreçada todo o lucro? Ora responde: Ele foi arrancar a pedra à pedreira?

—Não!

—Carregou com ela às costas? ou trouxe-a num carro?

—Não, certamente! disse Anibal. Mas aonde queres tu chegar?

—Lá vamos. Vai respondendo. Ele é que deitou abaixo as árvores para lhes arrancar a madeira?

—Claro que não! mas...

—Espera! Foi éle que as cortou, serrou as tábuas, as aparelhou para a construção? Foi éle que talhou a pedra para as ombreiras, conceiras e vérgas do prédio?

—Está visto que não! Aonde iria éle parar se fizesse tudo isso!

—Também não amassou a argamassa? continuou Rodrigo imperturbável. Não meteu o estaque? não pintou? não layou, por fim, as casas nem as pôs em estado de serem habitadas?

—Pois, evidentemente! respondeu Anibal cada vez mais espantado. Mas a que propósito...

—Lá chegaremos! Logo o nosso mestre de obras nada disto fez nem muitas outras cousas! Contudo, para éle obter tais lucros, necessário foi que tudo isto se fizesse... Ou não?

—Com toda a certeza! porém não atino...

—Portanto, prosseguiu Rodrigo cortando a palavras ao amigo, se éle fôsse capaz, tivesse saúde e forças para fazer todo o trabalho que exige a construção duma casa, os lucros eram muito dêle. Não é assim?

—Sem dúvida nenhuma.

—Então, se fazendo éle tudo, desde a ferramenta com que arrancou à pedreira a sua pedra, à saibreira a sua areia, ao arvoredo a sua madeira, etc., etc., até à lavagem do último vidro do prédio, o lucro era todo dêle e só dêle: como succede, pois, que não podendo éle, só por si, executar todo este colossal trabalho, e sendo este feito, na máxima parte, por trabalhadores de diferentes officios, éle não reparte esse lucro por si e pelos seus cooperadores e fica, *ele só*, com todo esse lucro? Sim! porquê? por que razão isto aconteceu?

—Ora essa! porque lhes pagou o seu jornal! Olha que leria!

—E éle também não se pagou do seu jornal? Pois que entendes tu por lucros? E' por ventura é paga do jornal? Se o operário recebe fêria, também fornece trabalho e portanto *faz uma troca* onde não há por consequência lucro. Lucro receberia éle, se, depois de paga a sua fêria e dado o caso de ser esta o *equivalente integral* do trabalho fornecido (o que não é, deixa-me dizer-to já) lhe dessem ainda alguma parte. Mas tal não acontece e o nosso mestre de obras, pelo contrário, não reparte cousa nenhuma e fica com tudo.

Pintou-se na fisionomia do Anibal um vaga expressão de dúvida. Ele sentia-se quase convencido. Mordiscava o charuto que se lhe revolvia entre os dentes desesperadamente. Procurava uma saída. A lógica do amigo atordoava-o. De súbito, iluminou-se-lhe a feição. Anibal encontrara um *argumento*:

—Mas, observou éle, o capital que o homem empatou, não ha de vencer juro?

—O capital?! Esqueces que partimos da hipótese do homem não ter um centavo? Só dispunha da sua faculdade de trabalho! rebateu Rodrigo levando finalmente aos lábios a chávena que ficara esquecida, no ardor da conversa, quase desde o princípio do diálogo.

—Porém, se éle o tivesse, pequeno que fôsse?

—Seria necessário inquirir como esse capital lhe veio. Já

Deus, Cristo, Religiões e Padres

No meu artigo anterior creio que fui suficientemente claro, quanto à origem da idea de Deus e à invenção de «Cristo».

Estes dois seres fantásticos e imaginários, foram concebidos pela ignorância dos povos antigos e tiveram a sua origem na errada observação dos fenómenos astronómicos e científicos, e nos factos históricos.

Cristo, a faúlha, filho de Deus, (o sol), já era conhecido dos antigos povos egípcios, gregos, persas e indianos, etc., antes, muito antes, da era cristã.

Foi, pois, uma imaginação fantástica daqueles povos.

O moderno «cristo» ou o mártir do Gólgota, que a Biblia ou o Novo Testamento nos apresentam, foi apenas uma pura e simples adaptação da antiga e imaginária scena, que fizeram os apóstolos do catolicismo.

O mártir do Gólgota constitui um instrumento importante para a justificação de toda a obra de corrupção, de servilismo e de violências, que, por toda a parte, os seus pseudo *messias* teem espalhado, na mira de obter boas prebendas.

Segundo a Biblia, Cristo, o martir do Gólgota, foi um ser modesto e humilde, passando a sua vida a insurgir-se contra os privilégios e desigualdades sociais, levando a toda a parte a palavra do amor!...

O Papa, *sucessor* de Cristo, vive como um rei, no maior palácio do mundo, rodeado de conforto, que provoca em extremo a sua vaidade. O papa, exige de todos, obediência à sua autoridade; e, servindo-se disso, fomenta guerras e massacres, desenvolve o ódio e o rancor, para manter os privilégios e as desigualdades sociais.

O que é triste, é que o povo fanatizado, falho de raciocínio e de espirito de observação, ainda não atingiu, com a sua mentalidade obsecada e amoldada às conveniências do padre, as mentiras religiosas com o que o Papa se rodeia.

viste que sem espoliar alguém, mais dentro da lei, mais fora dela, não ajuntava cousa nenhuma parecida com riqueza, por mais económico que fôsse.

E, exgotando a chávena, Rodrigo levantou-se e, dirigindo-se ao amigo:

—Queres analisar outra profissão? perguntou éle.

—Não! agora estou quase convencido! Pela tua maneira

Tôdas as religiões e povos do hemisfério norte celebram o natal, — o 25 de Dezembro — como data do nascimento da divindade, (hoje grotesca festa de familia).

Sajamos claros:

O Sol, (que é o deus imaginado pelos antigos), depois de ter descido o máximo, em Dezembro, torna a subir, parecendo que ressurgue ou renasce; e, nesse momento, vai a terra passando diante da constelação da Virgem, (grupo de estrelas), um dos doze signos da faxa zodiacal.

Esta data, ou melhor, este facto astronómico, foi, na antiguidade, e ainda é hoje, celebrado por tôdas as religiões como o nascimento do deus menino (que é o sol que lentamente se vai elevando) em virtude dos movimentos de rotação e translação da terra.

As homenagens são análogas em toda-a-parte, mas um pouco variadas.

Na Grécia, expunha-se a Deusa Cêres, a quem chamavam virgem, com um menino *deus* nos braços. Cêres era a deusa da agricultura (mitologia), que significava a constelação da Virgem e o menino era o sol nascente.

Conclui-se, pois, pelo estudo da astronomia, que tôdas as religiões foram imaginadas e assentam na adoração dos astros.

A própria tonsura ou corôa, ou rodela de nabo, que os padres fazem na cabeça, é a representação do disco solar; e a estola que usam, como já na antiguidade, antes da era cristã usavam os padres, é também a representação da faxa zodiacal.

E' difícil a remoção de tanto lixo que os padres insuflaram na cabeça do povo; mas, com tenacidade, havemos de conseguir a pureza das consciências e da Verdade.

C. ATEU.

de *arrazoar*, nenhuma escapa às tuas conclusões.

—Nesse caso, discutiremos outro assunto noutra ocasião. Vamo-nos.

Anibal chamou o criado.

—Rapazi! paga-te e guarda o resto!

E os dois amigos saíram do estabelecimento.

JOSÉ CARLOS DE SOUSA.

LITERATURA

MÚSICA...

A sala do teatro Rial oferecia, ontem à noite, um aspecto deslumbrante. O que havia de mais distinto em Madrid, encontrava-se na Opera: nobres, banqueiros, ministros, deputados, proprietários, etc. (Dos jornais de hoje).

Um operário que ganhava três pesetas por dia caiu dum andáime à rua, fendendo o crânio de encontro a umas pedras. A sua família, composta da esposa e quatro filhos menores, fica na mais desoladora miséria. (De qualquer jornal de qualquer dia).

Sim! Era surpreendente o aspecto que a sala oferecia! Espectáculo nunca visto foi o de ontem à noite no teatro Rial. As sedas, lascivamente repassadas nos corpos das mulheres, davam-lhes um brilho incomparável. E esse mesmo brilho notava-se nas jóias que faiscavam junto às carnes dos peitos femininos, assomados aos varandins, com aquele receio das mulheres de viva fácil quando se mostram de modo que o senhor as veja e o polícia não as multe; nas abotoaduras, nos alfinetes de gravata, nas jóias caras, em todos os adornos, enfim, que uma criatura pode utilizar para se converter em mostruário ambulante das suas riquezas. Havia também o brilho das boas digestões, nitidamente estampado nos rostos satisfeitos... brilho de fortunas, de nomes, de títulos, de emulações e rivalidades que se observava por entre significativos sorrisos... Luz eléctrica, gente *chic*, atmosfera quente, música wagneriana... Um belo espectáculo se não houvesse mais humanidade que aquela que se divertia, ontem à noite, na Praça do Oriente!

Ah! se não existisse outra, eu teria gosado muito, ontem à noite; porque a música agrada-me, especialmente a música boa; e as mulheres lindas, seduzem-me... Eu ter-me-ia distraído, não como aqueles senhores e aquelas senhoras que falavam despreocupadamente de tudo, menos de música, mas aproveitando os intervalos para apreender um quadro de beleza

feito de carne, e os actos para fixar um quadro de beleza feito de notas musicais. Eu teria seguido passo-a-passo, a fantástica lenda do poeta alemão; e, ao levantar-me da cadeira, cheio ainda do ópio germânico, é provável que transformasse em Elsa, por cinco ou seis minutos, qualquer rapariga mais ou menos ruiva... e, quem sabe? — talvez me sentisse um bocadinho Lohengrin.

Mas é que, contra o meu próprio desejo, e apesar do egoísmo que me gritava: *Gosa, diverte-te, agora que tens um bocadinho de tempo livre*, o meu pensamento, e com ele a alma, fugia para longe, para muito longe, arrastado por uma teimosa recordação que tirava do meu cérebro e que se destacava ali, numa claridade perfeita, mais perfeita que nunca, como se a iluminassem aquelas luzes brancas que faziam faiscar as pulseiras e os brincos, as fisionomias alegres e os bustos luxuriosos... a recordação do pobre pedreiro, dum operário, que, uns dias antes, tinha partido a cabeça de encontro a umas pedras, e a recordação da esposa, duma mulher do povo que, rodeada de três filhos, colocava nos lábios dum outro recém-nascido, um peito exangue, que, surgindo por trás duma camisa róta, inspirava tanto respeito e tanta piedade, como desejo e luxúria inspiravam as mulheres que, no Rial, deixavam ver as suas carnes palpitantes através dos vestidos ténues e alvíssimos!... Esta recordação feria o meu crânio, como uma garra; e, com uma voz, que se se ouvisse teria comovido mais o público do que a voz de Elsa desamparada, gritava-me:

— Vê bem! Uns teem o supérfluo; outros não teem nada. Que sinistro contraste!

Que sinistro contraste! — repeti... E que pavoroso se me apresentou, naquele momento, o espectáculo do Rial...

Um operário morto!... Uma família sem amparo... e uma multidão de poderosos ostentando a sua vaidade e o seu luxo... alardes de fortuna e de onnipotência. ?Que é isto?... ?Que representa isto?... ?Que sei eu?... Mas, ?ninguém fala? ?Não se reclama nada? ?Não há nisto alguma coisa—?como chamar-lhe?—que, como as personagens do Lohengrin, peça um juízo de Deus?

Não, não há. Sem dúvida que não há. Essas misérias de baixo são coisa de pouca monta; esta desigualdade que parece irritante, deve ser justa, porque ali, no Rial, estavam ao meu lado, sentados nas cadeiras, todos os indivíduos que podem e devem preocupar-se com essas coisas, isto é, todos os indivíduos que se preocupariam com elas se elas o merecessem. Havia ali ministros, deputados, personagens da alta gerarquia, construtores de leis; ora eles, que não se preocupavam com êsses casos na Ópera, também não se preocupariam com eles no parlamento, nem nos ministérios, nem nos sítios que, por sorte, lhes coubessem. E visto que não o faziam, é porque lhes parecia muito bem que tudo continuasse como até aqui. Quando uma coisa se lhes afigura bem, é porque teem razão; e os que pensam de modo diferente não passam de loucos... Como é que eles se haviam de enganar!? Não faltava mais nada. ?Morreu um pedreiro? Há muitos no mundo. ?Morre uma família à míngua de recursos? Paciência... Que se aguente. Ninguém é culpado da sorte de cada um... Também sou escritor, eu... E lembrar-me do pedreiro no espectáculo do Rial... — Que diabo! ouçamos o Lohengrin—exclamei, depois de fazer estas reflexões.

E queria ouvi-lo... E nada. A

maldita idea matava-me o bicho do ouvido. O pedreiro morto, amalgamando-se—não sei porque rara amálgama cerebral— com a figura de Lohengrin; a viuva, a do peito exangue, metendo-se dentro de Elsa para, como ela, pedir justiça... a obsessão, porque era obsessão, tornando-se cada vez maior... transformando a sala, o país, a hora, o espectáculo, fazendo-me vítima dum pesadêlo e apresentando-me diante dos olhos do Basar da Caridade de Paris, cheio de gente, gente rica, titulada, illustre... uma festa brilhante... cada vez mais brilhante... até que se metamorfoseava num incêndio... incêndio casual... humorada trágica do destino que se entretinha a achincalhar os poderosos! Porque? Perguntem ao destino porque faz o que faz...

Ele o saberá.

Um dia toca ao pedreiro cair dum andáime...

Outro dia aos ricos que se divertem.

Assim é a vida...

JOAQUIM DICENTA.

Porque não creio em Deus

Preço: 1\$00, pelo correio 1\$10

A' VENDA NESTA REDACÇÃO

A espantosa miséria dos operários alemães

A' medida que o marco se precipita na sua queda, o custo da vida aumenta horrorosamente na Alemanha; e o que o salário dum dia permitia comprar, ontem, já não chega para comprar, hoje, a mesma coisa. De aí os inúmeros movimentos de reclamação de salário no Ruhr, nos Portos, na Alta-Silésia, em Berlim, etc. O quadro que se segue, indicando o tempo de trabalho necessário para a compra de certos produtos, dá-nos a idea da miséria a que estão reduzidos os trabalhadores alemães, comparados com os salários dos trabalhadores ingleses, que são muito inferiores aos salários de antes da guerra, em consequência do aumento no custo da vida:

	Oper. alemão	Oper. Inglês
450 grs. de margarina	5 horas	20 minutos
Um ovo	30 minutos	10 »
450 grs. de açúcar. . .	1 hora	20 »
450 grs. de pão. . . .	1 h. e 20 min.	15 »
450 grs. de carne . . .	4 horas	1 h. e 15 m.
Um fato	7 semanas	1,5 semanas
500 grs. de sabão. . .	45 minutos	12 minutos.

Pobres trabalhadores alemães! Ao que os reduziu o imperialismo Kaiserista e o imperialismo dos Aliados. A revolução impõe-se...

MOSCOU OU BERLIM?

A todos os militantes e não militantes da organização operária; a todos os leitores de A COMUNA, anarquistas ou não anarquistas

Mas, quando estalou a revolução bolhevista, muitos dos nossos amigos confundiram o que era revolução contra o governo precedente e o que representava um novo governo que vinha sobrepôr-se à revolução para a conter e dirigi-la segundo os fins particulares dum partido; e, à sombra desta confusão, quase todos se declararam bolhevistas.

Em verdade, talvez os nossos amigos bolhevizadores entendam por ditadura simplesmente o facto revolucionário dos trabalhadores que se apossaram da terra e dos instrumentos de trabalho, e que procuram, agora, constituir uma sociedade, organizar um modo de viver que não dê margem à aparição duma classe que explore e oprima os que produzem.

Assim compreendida, a ditadura do proletariado seria o poder efectivo de todos os trabalhadores, ocupados em demolir a sociedade capitalista, poder que se transformaria na Anarquia tam depressa quanto mais depressa tivesse terminado a resistência reacclonária, não podendo ninguém obrigar a massa popular a obedecer e trabalhar para outrem. Esta ditadura do proletariado significaria ditadura de todos, e não seria uma ditadura propriamente dita, pela mesma razão que o governo de todos não é governo, no sentido autoritário, histórico e prático da palavra.

Mas os verdadeiros partidários da ditadura do proletariado não o entendem assim — estamos a vê-lo na Rússia. Neste país, o proletariado desempenha o papel do povo dos regimes democráticos, quer dizer, serve unicamente para ocultar o estado real das coisas.

Mas nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas, e agir como anarquistas antes, durante e depois da revolução.

ERRICO MALATESTA.

Augustin Hamon, que não pode ser considerado de rabioso puro, como nós somos apodados pelos ex-puritanos e agora abolhevizados 21 em referência, afirmou num dos seus escritos que *os belos dias do bolhevismo estão no declínio.* ¿E porquê? Porque além de outras circunstâncias várias, a Revolução Russa, como já dissemos, foi estrangulada pelas manópolis ditatoriais de Lénine e seus sequazes. Já nem sequer nos queremos referir às concessões feitas aos grandes sindicatos capitalistas dos Vanderlips e aos interesses burgueses dos britânicos, que, segundo aquele sociólogo acima mencionado, «arrastam — e nós já dizemos arrastaram — toda uma série de conseqüências, muito graves, para a realização do comunismo», que «são a sua negação absoluta»...

O que fez com que a Revolução não surtisse os efeitos que todos nós sonhamos; o

que fez com que muitos militantes, nacionais e estrangeiros, inclusivé russos, retirassem a sua confiança aos dirigentes do bolhevismo, foi a observação da grandiosa «mania da centralização e da autocracia» de que estão imbuídos os mesmos dirigentes, os inspiradores das 21 condições centralistas, que em lugar de desenvolverem «a autonomia do individuo, isto é, o seu poder de acção», tendem a desenvolver a obediência passiva», transformando o «homem numa máquina, destruindo assim de facto uma grande parte da energia humana e utilizando mal uma outra fracção desta energia». Desta aberração de princípios, é que resulta o tal aumento da classe dos *sorburs*, burocratas bolhevistas, que, conforme o exame feito à informação oficial do inquérito do *comité* dos Sovietes de Moscóvia, «é superior em número ao total dos empregados de administração do re-

gime tzarista em toda a Rússia em 1914»... ¿Depois, as tais 21 condições centralistas de Moscóvia, que ajudam à missa repressiva, não são só impostas aos aderentes do partido comunista: são também extensivas ao povo russo em geral, seja ou não comunista. A autoridade dos hierarquizados deve ser respeitada em absoluto. Ora o que acontece, portanto, para os filiados no partido a propósito da conjugação do verbo «dever», descrita por Hamon, sucede o mesmo para o povo não filiado, para o povo que é duramente governado: «o povo deve», «o povo tem que», é «necessário que o povo»... «tenha o dever de»... etc., etc. Tal qual em todos os regimes autocráticos, léninezados ou mussolinizados...

E' talvez por isto que muitos gostam da atitude do governo russo e do seu partido comunista, prevendo, visto que os partidos comunistas de todos os países defendem o autocratismo da I. C., a possibilidade de virem a ser uns *sorburs* a impõem uma disciplina de ferro à população dominada...

Nestas condições, a Revolução Russa havia de ser conduzida a uma regressão lamentável. E' graças a essa regressão que os soviets se transformaram em comités do partido comunista obediente, senão... lá está a acção violenta da *tcheka*; que a união dos trabalhadores foi enfeudada ao Estado bolhevista, tornaram-se um «porta-voz das suas ordens»; que os sindicatos dos trabalhadores, «se é duvidosa a sua fidelidade ao partido comunista», são dissolvidos pela força; que as cooperativas foram impedidas «na sua importante obra de produção e de troca dos objectos necessários para se viver, foram desorganizadas e por fim abolidas»; que as fábricas, as oficinas, os caminhos de ferro e todas as outras indústrias são entregues a «um especialista», autorizando-se a antiga burguesia a entrar nessas superintendências...

De molde que os conselhos de armazens e de fábricas, defendidos pelo sindicalismo revolucionário autónomo, foram reduzidos, pela força da violência, à inutilidade...

E foi assim que os antigos especuladores da bolsa, os antigos proprietários de oficinas e capatazes de fábricas se tornaram novamente os chefes, possuindo o control absoluto de todas as indústrias e exercendo todo o seu poder, toda a sua autoridade, sobre todos os operários. Como sucede entre

nós, em que os industriais, ou gerentes, ao mínimo esbôço de desagrado contra eles, nos pode mandar prender, aqueles capatazes, banqueiros, etc., podem também entregar à *tcheka* o operário recalcitrante, por muita razão que ele tenha.

Quer dizer: deu-se precisamente a inversa, com a consolidação do partido comunista no poder, do que se passou no tempo do governo provisório de Kerenski. Os armazens e as fábricas, que tinham sido expropriados, em nome da Revolução Social, pelos operários, principiaram a ser sucessivamente transferidos da posse dos soviets para as mãos do governo de Lénine-Zinovieff, os quais, por sua vez os confiaram à casta criada pelo *vedinólitchije*, a que já nos referimos, em cujo sistema preponderam os políticos...

Em conseqüência desta situação agravada pela reviravolta revolucionária do bolhevismo, principiou a crítica enérgica a toda essa regressão, bem lamentável. E então começou também a verificar-se o que o *Pochin* nos comunica: assim como «há tresentos anos Galileu foi arremessado para a prisão, sujeito à tortura e à humilhação, pela simples ofensa de se atravessar a descobrir manchas no sol que deus tinha criado», assim também os anarquistas e sindicalistas revolucionários não governamentalizados e até comunistas menos autocráticos, que «não teem o direito de, sem perigar a sua liberdade, descobrir manchas — e que manchas — no sol dos Sovietes (alienados ao partido bolhevista), uma criação de mãos humanas» — teem sido arremessados para as prisões, sujeitos à tortura e à humilhação.

Tais represálias, feitas com método e implacabilidade, levaram Mussolini, «discipulo de Lénine», a inclinar-se «perante o Krenlim declarando bem alto que o fascismo passou e continuará passando tranqüilamente sobre o corpo mais ou menos decomposto da deusa da Liberdade»... porque a Rússia e a Itália demonstraram que se pode governar fora, acima e contra a ideologia liberal. O comunismo e o fascismo encontram-se fora do liberalismo»...

Se é verdade, no que cremos, o que diz o manifesto da A. I. T. dirigido ao proletariado de todo o mundo.

Mas será bom que os 21, como nós vamos fazer o mesmo, tomem agora um pouco de fôlego...

Do que se sabe

A "CIVILIZAÇÃO", A FORÇA

Samoa, segundo nos dizem umas notas dum historiador, faz parte de um grupo de ilhas meio perdidas ao sul do Oceano Pacifico, algumas das quais não são habitadas e outras tem sido um tanto refractárias à compreensão da «civilização» burguesa. Já por lá dominaram, ou pretendiam dominar, os alemães, os yankees, os ingleses; um padre inglês foi benzer as ilhas em 1830, e crêmos que, actualmente, por mandato da celeberrima Liga das Nações, é o governo da Nova Zelândia que está incumbido de fazer penetrar ali os costumes da sua e «nossa civilização», tam cantada pelos que só sabem viver impondo e vivendo da exploração alheia.

Poucas dezenas de milhar como tem sido, os habitantes destas ilhas, eles tem dado bem que fazer aos que tem pretendido dominá-los, apesar de, por vezes, as habitações destes insubmissos terem sido destruidas pelos «heróicos» tripulantes dos navios de guerra dos cristianíssimos governos; e se não fôra o resumido espaço destas poucas colunas, valeria bem a pena dar aos leitores mais detalhada nota do que tem sido a sua insubmissão e rebelia contra os que, através as várias épocas, só tem pretendido submetê-los, explorá-los, com o pretêxo de os irem civilizar.

Entre os seus habitantes não se conhece a «beleza» e «utilidade» da propriedade privada: vivem num comunismo primitivo, em que tudo está em comum e em que cada um pode tomar do que houver quanto as suas necessidades exijam. Este sentimento, não há possibilidade de o fazer extinguir no espirito dos nativos, como não há maneira de lhes fazer compreender a «peculiar civilização capitalista», que armazena, detem, muraha e põe defêso aos géneros que deviam suprir às necessidades de todo o povo que os produz. Pois feito isto, é, e continuará sendo o seu maior crime. Por não perderem aquele sentimento de tomarem o que necessitam, de irem buscar onde o há, sofrem agora os infelizes nativos a penetração violenta dos civilizadores que nós suportamos e toleramos, sendo prêsos, aspancados e chicoteados, por pequenos «rom-

bos», que eles supõem ser o facto mais natural do mundo.

O que é necessário salientar, no fim de tudo, a par do seu horror a esta civilização que lhe querem impôr, é a sua resistência persistente e continua apesar de tudo e do seu reduzido número, talvez que para envergonhar os produtores dos grandes países «civilizados», que, sendo tantos e de tudo produzindo se sujeitam a morrer de fome em proveito dos amos, não tendo a coragem nem a dignidade de ir buscar o que produziram quando disso necessitam, de expropriar o que de direito lhes pertence, já que tudo pertence a quem trabalha, imitando e secundando assim o gesto digno d'esses poucos que contra a civilização capitalista querem e teimam a todo o custo viver em comum, não reconhecer o direito à propriedade privada, viver sem amos, negando-se a morrer de fome.

Sendo tam poucos e vivendo tam afastados da «civilização» eles mostram-nos com o seu exemplo e com os seus actos, por assim dizer, o melhor caminho da revolução!

M. H.

CORREIO DE "A COMUNA"

AMÉRICA—*Artur S. Rebelo*. Recebemos um dolar que rendeu 24\$70. *José Medeiros Clara*. Recebemos 5 dólares. Na próxima conta corrente, sairá a importância que rendeu e nomes dos assinantes.

S. VICENTE CABO VERDE—*José de Matos*. Recebemos carta e dinheiro.

TORRES NOVAS—*António Santos Morte*. Recebemos 4\$00.

VIMIEIRO—*Manuel Abrantes*. Recebemos 5\$00.

Apontamentos...

A MONTANHA é um diário republicano que se publica vespertinamente nesta cidade. E, entre as suas variegadíssimas secções, há uma que nos caiu no gôto. Intitula-se «Petit-Journal», mas não tem nenhuma relação com o seu homónimo de Paris.

O «Petit-Journal» da Montanha trás sempre, ou quase sempre, um «fundo», que mais valia denominar-se fundilhos, tal é o primor de «conceitos» scientificos e filosóficos que encerra. Num dos seus últimos números,

dizia o articulista encarregado dessa secção:

«Só se principia a perseguir, quando se desespera de vencer.»

Trocado isto em miúdos, significa: quem não concordar com as teorias nem com os processos republicanos, deve malhar com os ossos na cadeia, se, em antes de lá entrar, não receber uma bala que o leve para a mansão dos justos!...

Francamente, os reaccionários e os jesuitas são da mesma opinança. Sendo eles os autores daquela estapafurdia sentença: quem não é por nós, é contra nós, e tendo-se os partidos políticos—incluindo o próprio partido socialista e o partido comunista—apoderado dela, vê-se que o citado articulista pretende justificá-la daquele modo, apesar da «civilização já ir alta» e o «progresso ter conquistado o ar.»

Nós julgavamos que os processos malditos da inquisição, que a História apresenta com horror, tinham sido enterrados. Mas, afinal, enganamos-nos. Eles estão aí, vivinhos e são, e prontinhos a desempenhar o seu papel.

Os governos republicanos perseguindo ferozmente os trabalhadores, encontram-se dentro daquela fórmula. Como não podem convencer as massas laboriosas, perseguem-nas inflingindo lhes maus tratos e fazendo-as suportar as mais duras privações.

As vitimas dos governos ficam agora a saber por que motivo são perseguidas: é por não darem vivas, abraçando e beijando... a Cristina, mais sr. António Maria, b da Silva.

E ainda há quem se admire de combatermos os politicos e o Estado! Nós combatemos um e outros, porque, sendo eles os representantes lidimos duma casta parasitária, pensam unicamente em manter o principio da desigualdade social, perseguindo todos aqueles que não se convencem das excelências dessa desigualdade.

E, sendo nós contra a perseguição, como é que poderemos ser convencidos pelos politicos de meia tijela e de tijela e meia?...

Pedro GUIMARÃES.

Vida Anarquista

União A. Portuguesa

«COSMOS», Esta União recebeu 24\$00; mas por cartas anónimas não se aceitam adesões. Escrevam.

Anarquia Grupo «La Vero»

Reuniu na última semana com a maior parte dos seus componentes, ratificando a sua adesão ao Congresso Internacional Anarquista.

Apreciou diferente correspondência, tendo-se verificado também que, ultimamente, em virtude do correio não se preocupar com os endereços e levar a correspondência para outros locais, esta tem sido roubada.

Resolveu-se participar a todos os camaradas, assinantes e leitores da folha mensal «La Vero», que esta, devido ao assalto que a Sociedade «Lisbona Verda Stelo» sofreu na noite do 1.º de Maio, pela A. dos C., ficou completamente empastelada; e só depois da Sociedade conseguir tomar conta dos seus haveres, é que também o Grupo pode fazer nova composição, pelo que «La Vero», aparecerá por estes dias.

Lisbona Verda Stejo

(Sociedade Esperantista Operária)

Reuniu na pretérita 6.ª feira pela última vez, a Comissão Executiva do 1.º semestre, desta Sociedade, resolvendo tornar público: que o número de alunos matriculados nos diferentes cursos de Esperanto, durante este período, foi muito regular; que iniciou os serões esperantistas (segundas feiras), destinados à preparação «ennaciisma» dos esperantistas; que efectuou visitas de estudo ao Aqueduto das Águas Livres, Museu Arqueológico e Exposição na Sociedade de Belas Artes; que adquiriu alguns livros para a biblioteca, a qual se vai tornando importante; que o seu exercício se prolongou até meados do corrente, por ter de normalizar os serviços.